

UMA PROPOSTA PARA A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO DA FONOLOGIA A PARTIR DA ANÁLISE DA APÓCOPE DO /R/ EM VERBOS NO INFINITIVO

Jaqueline de Jesus Bezerra; Jorgevaldo de Souza Silva

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); linnebezerra@gmail.com; jorge.valdo@hotmail.com

Resumo: Os fenômenos fonológicos são muito frequentes na escrita dos alunos e diversos fatores contribuem para que ocorram. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo geral analisar especificamente o fenômeno da apócope do /r/ em posição de coda silábica de sílaba tônica final de verbos no infinitivo, através, sobretudo, da discussão das razões de esse tipo de apagamento ser recorrente nos textos dos alunos, propondo-se assim, estratégias para o trabalho docente a fim de essa reincidência diminuir na escrita. A investigação foi realizada em textos de 30 alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola de Ensino Fundamental e Médio Teodorico Teles de Quental, localizada em Crato, Ceará. A pesquisa é bibliográfica, de natureza aplicada, objetivo explicativo e caráter quantitativo e qualitativo. A abordagem teórica pautou-se, principalmente, nas contribuições de Bagno (2007), Cagliari (1997), Marcuschi (2001) e Seara; Nunes e Lazzarotto (2011). A atenção dada à apócope mencionada se deve ao apagamento ser tão constante nos textos dos discentes. Para análise do fenômeno, foram considerados os aspectos variação linguística, consciência fonológica e classe gramatical, como contribuintes para a constante ocorrência da apócope em questão. Com base na análise feita, observou-se que o fenômeno estudado ocorreu com maior frequência nos textos de alunos do sexo masculino. Conclui-se que é importantíssimo o papel do professor na tarefa de buscar estratégias para uma ocorrência menor do fenômeno em questão, e também de outros, nos textos escritos dos alunos e destaca-se o quanto é relevante o discente perceber as semelhanças, mas principalmente as diferenças entre fala e escrita.

Palavras-chave: Fenômeno Fonológico, Apócope, Escrita.

1 INTRODUÇÃO

Enquanto a Fonética descreve como se produzem os sons da fala, a Fonologia analisa os sons produzidos, a função linguística deles, sendo, portanto, “uma interpretação daquilo que a Fonética apresenta” (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO, 2011, p. 68).

Como afirma Cagliari (1997, p. 52), “uma língua vive na fala das pessoas e só aí se realiza plenamente.” O autor afirma ainda que “se a escola tem por objetivo ensinar como a língua funciona, deve incentivar a fala e mostrar como ela funciona” (1997, p. 52). Acrescente-se a essas considerações de Cagliari, a seguinte citação de Seara, Nunes e Lazzarotto (2011, p. 68): “Fala trata de enunciados reais, que certamente irão se diferenciar de falante a falante, de situação a situação; etc.” Essas afirmações revelam que os alunos precisam entender o funcionamento da língua e da fala, percebendo que estas são livres, mutáveis, possuem variações, entretanto, quando se trata da escrita, esta deve ser padronizada, não podendo se realizar das diversas formas como falamos. Os alunos devem compreender

ainda que a escrita não é superior à fala e devem também respeitar as variações linguísticas existentes de região para região.

Os discentes tendem a manifestar os fenômenos fonológicos na escrita. Tais fenômenos, também chamados de metaplasmos, não acontecem de forma aleatória, existe uma coerência na ocorrência deles. Diante disso, o professor tem um papel extremamente importante, já que precisa intervir de maneira adequada e mostrar ao aluno que a ortografia da nossa língua se afasta, em muitos casos, do modo como se realiza a fala. Logo, é fundamental que o professor esteja revendo seus saberes e suas práticas a fim de lidar adequadamente com a dinamicidade da língua e com as variações da fala que se manifestam na escrita.

A análise da apócope do /r/ e de outros fenômenos fonológicos e a compreensão das causas que levam à ocorrência desses fenômenos é de grande relevância para o professor ajudar o aluno no processo de aquisição e de aprimoramento da escrita. Diante disso, como o professor pode agir para diminuir a reincidência da apócope do /r/ na escrita dos alunos? Tal questionamento norteou o processo de investigação da pesquisa, para a qual traçamos como objetivo geral analisar o fenômeno da apócope do /r/ em posição de coda silábica de sílaba tônica final de verbos no infinitivo. Os objetivos específicos são: descrever os fenômenos fonológicos encontrados nos textos analisados; discutir as razões de o apagamento do fonema /r/ se realizar com tanta frequência nos textos dos alunos e propor maneiras de diminuir a reincidência desse fenômeno na escrita dos discentes.

Para a fundamentação das observações do presente trabalho citamos Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2006), Bortoni-Ricardo; Castanheira e Machado (2010), Cagliari (1997), Goldfeld (2003), Marcuschi (2001), Marcuschi e Dionisio (2007), Prodanov e Freitas (2013), que contribui para este relato na fundamentação da metodologia utilizada; Seara; Nunes e Lazzarotto (2011), Stampa (2009) e Zorzi (2003).

A seguir, apresentaremos a metodologia da pesquisa, os resultados e a discussão, em que atendemos os objetivos propostos, apresentando na sequência as conclusões e as referências.

2 METODOLOGIA

O artigo tem uma natureza aplicada, já que busca a produção de conhecimentos dirigidos à solução de problemas específicos, de forma que se possa aplicar tais conhecimentos à prática docente no ensino da Fonologia, com o

objetivo de diminuir o fenômeno do apagamento do /r/ nos verbos no infinitivo.

O objetivo do estudo tem uma classificação explicativa, uma vez que tal classificação “procura identificar os fatores que causam um determinado fenômeno, aprofundando o conhecimento da realidade.” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 127). Buscou-se nesta pesquisa explicar e fundamentar que fatores contribuem para a apócope em questão nos textos dos alunos.

O procedimento técnico utilizado foi a pesquisa bibliográfica, considerando que a fundamentação teórica da análise do fenômeno da apócope do /r/ em verbos no infinitivo partiu de autores de livros já publicados.

A abordagem desta análise teve caráter quantitativo e também qualitativo. Quantitativo, porque os fenômenos fonológicos e o número de textos nos quais eles ocorrem foram quantificados. Qualitativo, já que se buscou compreender e analisar o fenômeno em estudo.

O fenômeno da apócope do /r/ em verbos no infinitivo e outros fenômenos fonológicos foram investigados em textos de 30 alunos, de uma turma de 9º ano do turno vespertino da Escola de Ensino Fundamental e Médio Teodorico Teles de Quental, situada na cidade de Crato, Estado do Ceará.

Na turma mencionada, a maioria dos alunos mora na zona rural, depende de transporte escolar para chegar à escola e suas famílias possuem uma renda mensal baixa. Além disso, a maioria dos pais têm pouca escolaridade. É importante considerar essas variáveis, visto que elas influenciam na fala dos alunos bem como, conseqüentemente, na escrita, na qual se manifestam muitas marcas da oralidade.

Os textos colhidos para análise de quais fenômenos fonológicos mais ocorriam na escrita foram fruto de uma atividade realizada em duas aulas observadas, nas quais foi feita uma espécie de dinâmica, que consistiu em se listar no quadro algumas palavras sem relação entre si; a partir da listagem, os alunos foram orientados a produzirem um pequeno texto coerente no qual essas palavras estivessem presentes e relacionadas de forma lógica. O professor solicitou que especificassem nos textos apenas o sexo, feminino ou masculino, não identificassem os seus nomes e o motivo seria explicado posteriormente à atividade.

Frisou-se que os alunos ficassem à vontade para escrever livremente qualquer enredo, e que abusassem da criatividade. Eles gostaram da ideia, acharam muito interessante, de forma que participaram com entusiasmo. Após escreverem os textos, aliás, todos produziram

um miniconto, o professor os leu, de modo muito divertido, para toda a sala, a fim de que se conhecessem as produções de todos.

O momento de compartilhamento dos textos foi muito proveitoso. O andamento da atividade ocorreu conforme se esperava, de modo que se conseguiu um resultado bastante significativo e positivo. As autorias das produções ficaram no anonimato, o que tornou o momento mais interessante e cheio de curiosidade.

Vale ressaltar que após a atividade, os alunos foram informados de que a atividade teve o objetivo de se praticar a produção de texto de modo mais descontraído, mas que também os textos produzidos serviriam para uma análise de fenômenos fonológicos ocorridos na escrita. Explicou-se para os alunos o que são esses fenômenos, por que ocorrem, o que representam, e após essa explanação, os alunos consentiram a análise nos seus textos sem nenhuma objeção, ficaram cientes de que não seriam identificados em nenhum momento e de que a especificação do sexo dos alunos nos minicontos contribuiria para a análise a ser feita.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas produções, observou-se a ocorrência de 9 tipos de fenômenos fonológicos: ditongação, lambdacismo, monotongação, supressão do gerúndio, vocalização/supressão da consoante lateral palatal /lh/, epêntese, prótese, substituição da consoante palatal /nh/ pela palatal /lh/ e apócope; no entanto, o fenômeno que ocorreu com maior frequência foi a apócope do /r/ em segmento final de verbos no infinitivo.

Na ditongação, são criados ditongos nos quais há a presença de uma vogal e uma semivogal ou vice-versa. Nos textos analisados, ocorreram os seguintes casos de ditongação: nós –*nois*, empurrando – *eipurrano*, seguindo a sequência vogal + semivogal.

Lambacismo é um fenômeno em que se pronuncia o fonema /l/ no lugar do /r/. Encontrou-se esse fenômeno na palavra problema – *plobema*.

A monotongação consiste no apagamento da semivogal dos ditongos. Nas palavras fazendeira – *fazendera*, abaixar – *abaxa*, treino – *treno* ocorreu a monotongação, já que a semivogal *i* foi apagada, ficando apenas a vogal central baixa *a* e a vogal anterior média alta *e*.

A supressão do gerúndio ocorre quando a consoante oclusiva dental/alveolar /d/ é apagada da terminação indicativa da forma nominal verbal gerúndio –*ndo*. Esse caso ocorreu

nas seguintes situações: lendo – *leno*, chamando – *chamano*, jogando – *jogano*, empurrando – *eipurrano*.

A vocalização da consoante palatal /lh/ é a substituição ou conversão dessa consoante em uma vogal. No vocábulo *velhinha* – *veinha*, além da vocalização, pode-se dizer que houve também uma supressão, já que o /lh/ foi apagado da palavra.

Na epêntese, um fonema é acrescentado no meio da palavra. É o que ocorre em *ia passando* – *inha passando*.

A prótese acontece quando é acrescentado um fonema no início da palavra ou em casos de uma aglutinação. Observou-se esse processo em *de repente* – *derrepente*. Nesse caso, acrescentou-se um /r/ à palavra *repente* que foi aglutinada à preposição *de*.

Em dois casos ocorreu ainda a substituição da consoante palatal /nh/ pela palatal /lh/, como se percebe em *tinha* – *tilha* e *vizinho* – *vizilho*.

A apócope consiste na perda de um fonema no final de uma palavra como se vê nos exemplos *quando chegou* – *quando chego*, *ela perguntou* – *ela pergunto*, *não o ajudou* – *não o ajudo*, *ela jogou* – *ela joga*.

A apócope do /r/ em segmento final de verbos no infinitivo foi o fenômeno que ocorreu com maior frequência. Os casos do apagamento em questão foram: *para jogar* – *para joga*, *para pousar* – *para pousa*, *foi pedir* – *foi pedi*, *foi tomar* – *foi toma*, *para fazer* – *para faze*, *para a febre abaixar* – *para a febre abaxa*, *para alimentar* – *para alimenta*, *foram tomar* – *foram toma*, *foi observar* – *foi observa*, *queriam ajudar* – *queriam ajuda*.

Além dos fenômenos citados foram encontrados nos textos dos alunos os seguintes casos: *seu* – *ceu*, *ser* – *cer*, *seguida* – *cequida*, *disseram* – *dicerão*, *alcançasse* – *alcansase*, *tomasse* – *tomace*, *trouxe* – *trouce*, *resolveu* – *resovel*, *moral* – *morau*. Nesses casos, os discentes associaram o grafema ao fonema, cometendo assim os desvios de ortografia, pelo fato de uma letra representar diversos sons.

Da análise dos textos de 30 alunos, em que 16 foram produzidos por meninos e 14 por meninas, percebeu-se que nos textos de 10 meninos houve algum fenômeno fonológico, sendo que a apócope do /r/ aqui discutida ocorreu em 06 deles. No caso das meninas, houve a presença de algum fenômeno fonológico em 4 textos, sendo que em 02 deles aconteceu o apagamento do /r/ em verbos no infinitivo. Percebe-se então que o fenômeno ocorreu mais frequentemente nos textos dos meninos.

A apócope do /r/ em verbos no infinitivo, pela maior reincidência nos textos, merece uma análise mais aprofundada. Para compreender as causas dessa

ocorrência constante, é importante considerar três aspectos muito importantes que contribuem para esse apagamento: a variação linguística, a consciência fonológica e a classe gramatical.

Segundo Cagliari (1997), a maioria dos problemas de fala e escrita estão relacionados à variação linguística. O autor afirma ainda o seguinte em relação às variedades linguísticas:

Todas as variedades, do ponto de vista estrutural linguístico, são perfeitas e completas em si. O que as diferencia são os valores sociais que seus membros têm na sociedade. Desse modo, um baiano falará como baiano, não como gaúcho, uma pessoa de classe social alta não falará como uma de classe social baixa, e assim por diante. (CAGLIARI, 1997, p.81)

As pessoas falam de forma distinta, uma vez que a língua é mutável, dinâmica, assume muitas características com o passar do tempo nas mais diversas comunidades e essas características são assimiladas por seus falantes. Bagno (2007, p. 37) comprova essas características de mutabilidade e heterogeneidade da língua na afirmação que segue:

[...] *a variação e a mudança linguísticas* é que são o “estado natural” das línguas, o seu jeito próprio de ser. Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre, em qualquer lugar e em qualquer época, *heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e a transformações*, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas!

Para a Sociolinguística, ciência que estuda a língua e sua relação com a sociedade, considerando a linguagem um produto da interação social, toda variação é lógica, não ocorre por acaso, nem de forma aleatória, acontece devido a diversos fatores sociais como origem geográfica, grau de escolaridade, idade, classe social, sexo, profissão, entre outros.

Conforme, novamente, afirmação de Bagno (2007, p. 44), o grau de escolaridade dos falantes impacta mais fortemente nas variações:

As pesquisas linguísticas empreendidas no Brasil têm mostrado que o fator social de maior impacto sobre a variação linguística é o grau de escolarização que, em nosso país está muito ligado ao status socioeconômico: a escola de qualidade e a possibilidade de permanência mais prolongada no sistema educacional são bens sociais limitados às pessoas de renda econômica mais elevada.

Analisando-se aspectos que ocasionam a apócope do /r/ final de verbos no infinitivo à luz do fenômeno da variação linguística, deve-se considerar que

O apagamento do /r/ nos infinitivos caracteriza o vernáculo de todos os brasileiros. Nas demais

palavras, é mais frequente em determinadas variedades regionais (como as nordestinas). Daí a impropriedade de usar grafias como CANTÁ, VENDÊ, SAÍ como representativas da “fala popular”, já que elas também caracterizam os falantes urbanos escolarizados. (BAGNO, 2007, P. 148)

Sem dúvida, o apagamento do /r/ é mais frequente na região Nordeste, apesar de também ocorrer em outras regiões do Brasil e até por falantes urbanos escolarizados segundo a afirmação de Bagno. Isso se deve ao fato de esse /r/ não ser pronunciado em palavras como mar, amor, amar, falar, por exemplo. Se compararmos o modo de falar de um paulistano com o de um nordestino, percebe-se que o nordestino não pronuncia o /r/ presentes nessas palavras, enquanto o paulistano pronuncia; nesse caso é mais provável que na escrita do paulistano não ocorra apócope desse fonema, enquanto na escrita do nordestino há mais chances de esse fenômeno ocorrer.

Se o falante não pronuncia o /r/ e não percebe esse som na fala, dessa forma não o escrevendo em situações de escrita, daí provém outro aspecto importante que merece ser analisado em se tratando da ocorrência da apócope, a consciência fonológica.

A consciência fonológica pode ser definida como “o processo pelo qual a criança toma consciência dos sons que compõem a fala” (STAMPA, 2009, p. 14), é ainda “a consciência de que as palavras são constituídas por diversos sons” (GOLDFELD, 2003, p. 71) ou “o entendimento de que cada palavra, ou partes da palavra são constituídas de um ou mais fonemas.” (BORTONI-RICARDO *et alii*, 2010, p. 187).

A consciência fonológica é desenvolvida no processo de alfabetização, de forma que se o aluno tem uma alfabetização falha, terá uma consciência fonológica mal desenvolvida e isso acarretará problemas tanto de leitura quanto de escrita. Assim, a apócope aqui abordada também tem muita probabilidade de ocorrer nos textos, quando o aluno não tem a consciência da presença do som do /r/ na fala.

Observou-se ainda que todos os casos de apócope do /r/ nos textos analisados ocorreram na classe dos verbos, diante da vogal baixa central *a*. Bortoni-Ricardo (2006, p. 269) comprova essa observação afirmando que “no português brasileiro, há uma forte tendência para suprimirmos o /r/ final nos infinitivos verbais (...) tendemos a suprimi-lo mais frequentemente nos infinitivos e nas formas verbais do futuro do subjuntivo e em palavras com mais de uma sílaba”.

Certamente, no caso do apagamento diante da vogal *a*, o fato ocorre porque a força dessa vogal, por estar em posição tônica, apaga a presença do /r/, de forma que por ele não ser pronunciado, também geralmente não é escrito. Por estar em

posição de coda silábica final, esta condição favorece o apagamento do /r/.

Além do que já se expôs, não se pode deixar de reiterar que fala e escrita são diferentes e que esta não representa aquela, como afirma Marcuschi (2001, p. 46):

O certo é que a escrita não representa a fala, seja sob que ângulo for que a observemos. Justamente pelo fato de fala e escrita não se recobrirem podemos relacioná-las, compará-las, mas não em termos de superioridade ou inferioridade. Fala e escrita são diferentes, mas as diferenças não são polares e sim graduais e contínuas. São duas alternativas de atualização da língua nas atividades sócio-interativas diárias.

“(…) A escrita é uma espécie de representação abstrata e não fonética nem fonêmica da fala (...). (MARCUSCHI; DIONISIO, 2007, p. 21). Marcuschi (2001, p. 51) também traz outra informação muito importante para esta discussão ao afirmar que “entre pronúncia e grafia não existe correspondência direta, já que o sistema de escrita raramente é fonético em alguma língua natural”. Essa não correspondência contribui para a ocorrência tão frequente dos fenômenos fonológicos nos textos dos alunos.

Para diminuir essa reincidência da apócope do /r/ nos verbos no infinitivo, o professor pode começar explicando em que lugar o som /r/ é produzido, seu modo de articulação, mostrar o /r/ em todas as suas realizações fonológicas, de acordo com as variedades regionais, para que o aluno perceba as diferenças constantes na fala de região para região; explorar exercícios que desenvolvam a consciência fonológica do aluno, partindo inicialmente do conceito de fonema, abordando em seguida todos os conhecimentos relativos a vogal e consoante, seguindo para a sílaba e sua tonicidade, de forma aprofundada.

Questões voltadas para a ortografia devem ser tratadas com bastante atenção, uma vez que as normas ortográficas são necessárias para uniformizar a grafia das palavras. Os aspectos regulares, irregulares, a etimologia das palavras devem ser compreendidos e assimilados pelos alunos, para que as dificuldades ao escrever as palavras sejam sanadas.

É interessante que o aluno observe que a sílaba do verbo no infinitivo em que o /r/ está em posição de coda é sempre tônica e compare, por exemplo, o verbo no infinitivo e o verbo conjugado na 3ª pessoa do singular do presente do infinitivo (jogar –joga, pousar –pousa, tomar –toma, alimentar –alimenta), a fim de que perceba que no infinitivo a sílaba tônica é a última, enquanto nos verbos conjugados exemplificados, a sílaba tônica é a penúltima.

Torna-se indispensável ainda que “a imagem visual da palavra impressa possa se sobrepor à imagem sonora da palavra falada” (ZORZI, 2003, p. 50); o aluno precisa perceber como é a forma da palavra escrita e não da palavra como se fala.

Tendo os discentes consciência de todos esses aspectos relacionados à palavra, o número de fenômenos fonológicos presentes na escrita pode vir a diminuir.

Uma outra alternativa para tratar esses fenômenos é o mapeamento dos desvios presentes nos textos dos alunos, como se fez neste relato, que também foi uma forma de mapear os fenômenos fonológicos encontrados nas produções dos discentes. Assim, o professor pode explorar especificamente os fenômenos encontrados, buscando diversas estratégias que possam evitá-los na escrita.

4 CONCLUSÕES

Pode-se concluir, portanto, a partir das observações e considerações feitas no presente trabalho, que o professor tem um grande papel no desenvolvimento da oralidade e da escrita do aluno. Mostrar as peculiaridades da fala, fazendo com que o aluno perceba sua flexibilidade e suas muitas possibilidades é fundamental quando se trata de ensinar a língua.

Muitos fenômenos fonológicos ocorrem devido à riqueza de falares existentes, eles não são considerados errados, nem acontecem por acaso. No entanto, o aluno precisa perceber e compreender que os modos de falar são vários, enquanto a escrita é única, por isso deve ser padronizada, não havendo a possibilidade de representar os diversos falares. Esses diversos falares representam as variações linguísticas, que devem ser muito bem abordadas em sala de aula, para que os alunos não desenvolvam o preconceito linguístico, pelo contrário, respeitem a diversidade da língua.

A consciência fonológica precisa ser muito bem desenvolvida nos anos iniciais de aprendizagem, para que o aluno desenvolva bem a oralidade e a escrita, por isso os professores alfabetizadores precisam ter em sua formação os conhecimentos sobre fonética e fonologia para que possam ter maior propriedade para abordar os aspectos relacionados à produção dos sons da fala, como também possam compreender a ocorrência dos fenômenos fonológicos e, assim, instruir com maior sucesso seus alunos no ensino primário.

O ensino das classes gramaticais, principalmente da classe verbo, também deve ter uma atenção especial, pois as suas particularidades devem ser tratadas de forma detalhada. Em relação ao /r/, cujo apagamento em verbos na forma infinitiva foi aqui tão discutido, é necessário o aluno perceber, por exemplo, que o /r/ do infinitivo não é apenas uma letra, se não é colocado, deixa de estar no infinitivo, passando a uma forma conjugada ou, em alguns

casos, deixa de ser verbo (falar – infinitivo; fala – 3ª pessoa do singular do presente do indicativo; fala – substantivo).

Quando o professor “abre os olhos” dos alunos para certos detalhes das palavras, tornando-os observadores das particularidades da fala e da escrita, os discentes se tornam mais cuidadosos e conscientes no momento de escrever.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M; CASTANHEIRA, S. F; MACHADO, V. R. **A formação do professor como agente letrador**. São Paulo: Contexto, 2010.

BORTONI-RICARDO, S. M. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. (Orgs.). **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua**. Florianópolis: UFSC, 2006, p. 267-276.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1997.

GOLDFELD, M. **Fundamentos da fonoaudiologia: linguagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A; DIONISIO, A. P. Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Angela Paiva. (Orgs.). **Fala e escrita**. 1. Ed., 1. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. – 2. Ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SEARA, I, C; NUNES, V. G; LAZZAROTTO, C. **Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período - Vol - cão** – Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

STAMPA, M. **Aquisição da leitura e da escrita: uma abordagem teórica e prática a partir da consciência fonológica**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2009.

ZORZI, J. L. **Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita**. Questões clínicas e educacionais. Porto Alegre: Artmed, 2003.